

UNIÃO
ORGÃO
do
CENTRO DEMOCRÁTICO
D. AFFONSO COSTA

Redactor—João Ferreira de Carvalho

Propriedade da empresa União Figueirense

FIGUEIRENSE

EDITOR—ALFREDO LENCASTRE F. BARROS

ASSINATURAS
Portugal e colónias, ano 1\$20; Estrangeiro 2\$00
Número avulso, \$03. Anúncios, preço convencional
Tiragem 1:000 exemplares
Comp. e imp. nas oficinas da «União Figueirense»

Sob a direcção das comissões políticas do
Partido Republicano Português

O JORNAL DE MAIOR CIRCULAÇÃO
NO NORTE DO DISTRITO DE LEIRIA

Sômos livres!

O sr. dr. Afonso Costa, no discurso que proferiu no teatro de S. Carlos antes de ontem, demonstrou que Portugal participava da guerra como povo livre. De facto Portugal não está na guerra como nação tutelada, nem para ela foi presa no meio dos dois polícias, obrigando-a a cumprir um dever de honra para consigo e para com a civilização. Este era, como se sabe, o critério da política de vilipêndio que o sr. Brito Camacho sempre advogou, aliaz com intermitências de lucido patriotismo logo renegadas nas palavras e nos actos.

Portugal devia ir para a guerra, mas como um povo livre e digno que, com essa Europa, quizesse lutar pelo direito e pela vitória de uma paz necessária ao progresso humano e ao respeito da moral.

O eminente estadista sr. dr. Afonso Costa, que é, pode dizer-se sem nenhuma preocupação de figura de retórica, a encarnação do verbo nacional em todos os seus arroubos patrióticos e em todas as misteriosas mas resolutas aspirações do seu destino, pelo muito que tem sofrido, combatido e vivido em prol da causa portuguesa, alem de outros su premos serviços aos seus concidadãos prestou nesse discurso mais este serviço:—o de fazer compreender a quem o ouviu e aos que o seu discurso leram que Portugal é hoje, entre todas as nações do mundo, uma Pátria que perante a História afirma de maneira decisiva e eloquente a sua personalidade política, e, com esta, a sua indiscutível grandesa moral.

Povo pequeno, empobrecido por seculos de pilhagem e de corrupção, decahido mercê de ineptos processos de administração e de cinica governação política, a Republica, regime de representa-

ção nacional e de soberania popular, soube sacudi-lo e acorda-lo para o trabalho e para a vida.

Não somos um povo misero, agachado para aqui neste canto occidental a apodrecer, sem homens que o guiem, defendam e valorissem.

Nós estamos na guerra, somos personagens do primeiro plano no acontecimento mais estuendo de todos os tempos, num combate formidavel pela civilização contra a barbaria. Sahiremos vencedores, e dessa victoria não virá sómente a difinitiva consolidação do nosso vasto dominio colonial; virá tambem uma nova auréola a circundar o nome portuguez, apontando-o no andar dos tempos como o nome de um povo que se não esqueceu de combater e sofrer pela liberdade e pelo direito!

Um povo inteiro, megalomano, apoiando a vesania cabotinesca de um imperador e de uma camaradilha, ergue-se de espada nua a procurar vencer tudo quanto te belo e de ideal a filosofia e o coração dos homens tinham edificado em seculos de sacrificios e dedicações, como putrimo não augusto da humanidade.

A exemplo pos scytas, de que Heródoto fala na sua historia, houve tambem no seculo XX um povô que sobre as azas de Marte elevou espadas ensanguentadas, como se fossem o simbolo da razão, da bondade e da justiça.

Esse povo, pintado de civilizado, arrazou cidades, alagou de sangue inocentes populações inteiras. Quiz a guerra pela guerra, e convencido na sua criminosa loucura de que seria o vencedor, tudo ousou, cometendo os crimes mais ferozes, despedacando com escarneo diabolico os mais venerandos padrões do direito humano e da moral dos povos.

A Europa pegou em armas para defender-se do povo barba-ro e traçoero que ameaçava esmagala e escravisa-la.

Portugal, logo no primeiro minuto, sem cuidar de saber quem venceria nem quem seria vencido, colocou-se ao lado dos povos ameaçados pelos barbaros.

E, sem pensar no seu interesse, que só o raciocinio trouxe depois, instintivamente se voltou para os aliados gritando-lhes:— «Pouco somos, pouco valem, contae connosco!»

Moedas de D. Pedro V

Foi concedido novo praso, que termina em 28 deste mez para troca das moedas de 500 reis de D. Pedro V.

Como se sabe, o praso terminou em 31 de dezembro do ano findo, ficando muitas moedas por trocar, motivo por que o governo concedeu mais este praso que, segundo nos informam, não será prorogado.

As pessoas que deixarem de fazer a respectiva troca, dentro do praso agora concedido, sujeitam-se a ficarem com aquelas moedas que, depois, nenhum valor tem.

Aqui deixamos o aviso.

Apreensão de milho

No ultimo domingo, o sr. administrador do concelho, apreendeu no logar de Aldeia de Ana d'Aviz, desta freguezia, uma carada de milho, a João Godinho, do Vale de Taboas, concelho de Alvaizere, que para ali se dirigia com ele.

O milho apreendido, que são 1.050 litros, foi transportado para a administração do concelho, onde se acha á venda.

Que a lição sirva de exemplo a outros açambarcadores que de noite tem percorrido este e outros concelhos, em busca de milho.

O sr. administrador do concelho tem sido incansavel para evitar que do nosso concelho saia qualquer porção de milho, pelo que todos lhe tecem rasgados elogios.

O NOSSO FUNDO

O artigo que hoje, publicamos em logar de honra é do nosso presado colega «O Mundo» de terça feira ultima.

«O Porvir»

Recebemos a visita deste nosso presado colega, que em Beja, defende devidamente os interesses do Partido Democratico.

Agradecemos a amavel visita e gostosamente estabelecemos a permuta com o illustre colega.

O SR. SERRA

O sr. Antonio d'Azevedo Lopes Serra, presidente da comissão executiva da camara municipal do nosso concelho, intimou o sr. Martinho, Mendes de Sousa, comerciante, nesta vila, para retirar sem demora, um pipo e um carro que tinha na via publica, junto do seu estabelecimento, sob pena de desobediencia.

Efectivamente, as posturas municipaes, não permitem que ninguem faça depositos das ruas publicas, o que achamos justo e até preciso; mas para que essas posturas possam ser rigorosamente observadas, é preciso que o sr. Serra mande primeiro retirar as muitas carradas de pedras que ha mais de cinco anos tem na Rua do Sol, impedindo o transito, obrigando depois os seus colegas a fazer o mesmo a outras ruas.

Antes d'isso o sr. Serra não tem autoridade moral para dizer aos outros que tirem o que tem nas ruas.

Quem percorrer as ruas da vila, nota que n'algumas se acham depositadas diversas coisas e informando-se de quem são, saberá que pertencem ao sr. Serra ou a algum dos vereadores.

No entanto, de vez em quando o sr. Serra, dá ordens para isto ou aquilo (dos outros) seja retirado da via publica, sob pena de ser aplicada a respectiva multa.

Ha dias vimos que, um carreiro ao passar pela Rua do Sol, onde o sr. Serra tem as taes carradas de pedra, ia adeante dos bois, abrindo ca-

minho, para que o carro podesse passar, o que fazia com bastante difuldade, pois as pedras eram muitas e grandes. No entanto o sr. Serra, ordena aos outros que tirem o que por acaso, e por pouco tempo, são obrigados a ter na rua, ameaçando-os com multas.

Ele e os vereadores é que podem utilizar-se das ruas com prejuizo dos outros.

O sr. Serra parece servir-se d'aquella frase atribuida a S. Tomaz «Faze o que ele diz e não faça o que faz» «Olhou para o que eu digo e não olhou para o que eu faço».

Refractarios

Foi prorogado até 30 de abril proximo, o praso para a apresentação dos refractarios que já o eram em 10 de março do ano findo, gosando do Decreto de Anistia de 17 de abril de 1916.

Ahi fica o aviso aos interessados.

O MILHO

Vimos nos jornaes de Lisboa que a camara do nosso concelho, representou ao governo para que o milho requisitado, fosse enviado directamente ás camaras, alegando que tal circumstancia traz enormes vantagens aos respectivos povos.

O governo, para evitar certos abusos, como o que ha dias pretendia fazer-se em Alcobaca e muitos outros, poz o milho por ele fornecido, sob a fiscalisação directa dos seus delegados de confiança, não permitindo assim que se faça negocio com este cereal que é destinado ao consumo publico.

Esta medida do governo só beneficios trouxe para a classe proletaria que pouco se importa ir á administração ou á camara, uma vez que o milho lhe seja vendido pelo preço que o governo lh'o forneceu, acrescido da despesa com o seu transporte.

O ano passado, vieram para o nosso concelho tres va-

gons de milho, sendo o primeiro vendido na administração, pelo preço que aqui ficou, não se dando porem o mesmo com os outros dois que a camara vendeu ao povo com o lucro de 100 reis em alqueire.

Para evitar estes abusos é que o governo tomou tal medida, de que a nossa camara não gostou e por isso lá foi com a sua representação, que se fosse atendida só prejuizo trazia ao povo, que tem ainda na memoria o que a camara fez o ano passado, com o milho que lhe foi fornecido pelo governo, por intermedio do ex.^{mo} governador civil, a instancias do sr. administrador do concelho,

O povo ao ter conhecimento da representação ficou de veras indignado e com muita razão.

Portugal e a guerra

Por comunicação recebida no ministerio da guerra, sabe-se que já desembarcaram em territorio francez, os soldados portuguezes que constituíam o segundo contingente do corpo expedicionario.

Este contingente foi conduzido em 4 transportes e durante a viagem nada houve de anormal.

Tambem se encontram nas costas francesas dois navios de guerra portuguezes.

FALECIMENTOS

Está de luto peio falecimento de sua esposa, o nosso amigo e assinante, sr. Francisco Simões Agria, do logar do Casal, freguezia de Campelo, deste concelho.

A extinta, faleceu no dia 2 deste mez e foi sepultada no dia seguinte, sendo acompanhada á sua ultima morada por muitas pessoas.

Ac nosso amigo apresentamos os nossos pesames.

Com 27 anos de idade, tambem faleceu no dia 17 do corrente mez, no logar da Lomba, freguezia de Vila Facaia, do visinho concelho de Pedrogam Grande, o sr. Albino Simões Lopes, filho do sr. Alexandre Simões.

O extinto era irmão do nosso amigo e assinante, sr. Valentim Simões Lopes, negociante em Sines, e de Manoel Simões Lopes, residente em S. Tiago de Cecem.

O seu funeral, que foi muito concorrido, realiso-se no dia seguinte, acompanhando-o a sua ultima morada a freguezia desta vila que se deu a seguinte marcha.

O fúnebre gosava ali de grandes simpstias, sendo por

isso o seu passamento muito sentido.

A' familia enlutada apresentamos os nossos sentidos pesames.

A filarmonica

O nosso amigo Carlos Liborio, por motivo que ignoramos, deixou de fazer parte da direcção da filarmonica desta vila, que ali desempenhava o cargo de tesoureiro, pedindo-nos para fazer esta declaração.

Noticias pessoases

Vieram passar o carnaval junto de suas familias, os srs. Manoel Quaresma d'Oliveira, do liceu de Coimbra; Acurcio Lopes, perfeito do colegio de S. Pedro; Domingos Ferreira de Carvalho, aluno do mesmo colegio e João dos Santos Abreu, aluno do colegio Moderno.

Tem estado nesta vila o nosso amigo, sr. Alfredo José de Sousa, empregado no liceu Colonial de Sernache do Bomjardim.

Cumprimentámos nesta vila o nosso amigo, sr. Joaquim Lourenço de Campos, de Alge.

Regressaram de Coimbra, onde foram passar o carnaval com seus filhos, os nossos amigos, srs. Manoel Luiz Agria Junior, Antonio Luiz Agria e suas ex.^{mas} esposas.

Estiveram em Figueiró os nossos amigos e assinantes, srs. Domingos Antonio David, da Lameira; Manoel Henriques Bandeira, de Aldeia Fundeira; Jesuino Simões Ladeira e Manoel Simões Ladeira, do Fontão Fundeiro.

Esteve hoje nesta vila o nosso amigo, sr. José da Silva Junior, de Aldeia Fundeira.

Tambem estiveram nesta vila, os nossos assinantes, srs. Antonio Simões Varandas, da Lomba da Casa; Manoel Henriques e Emidio Curado da Silva, da Ribeira d'Alge; Manoel Angelo, da Silveira Grande; Gabriel Coelho, da Figueira da Graça e Manoel João Nunes, do Casal dos Ferreiros.

Encontra se ha dias no Carapinhal, o sr. José Coelho Nunes, que veio passar o carnaval com sua familia.

DOENTES

Encontra-se ha dias bastante doente, a menina Aurora, filha do nosso amigo, sr. Jeronimo Rodrigues Pinhão, industrial desta vila.

Desejamos-lhe rapidas melhoras.

Tem experimentado algumas melhoras, sendo, comtudo ainda muito grave o seu estado, o nosso amigo e assinante, sr. José Simões d'Almeida.

Já se acha completamente restabelecido do forte ataque de gripe de que foi acamitado e que o obrigou a guardar o leito alguns dias, o nosso, prezado amigo, sr. José Manoel Godinho, acreditado comer-

ciante nesta praça.

Esteve alguns dias de cama achando-se já completamente restabelecido, o nosso director sr. João Ferreira de Carvalho

Haja senso e moralidade...

Certo imbecil servindo-se do carnaval como arma de impudor e de imoralidade, escreveu uma carta infamissima a certa creatura decente, que jamais se poderá egualar a esse reles sevandija, uitiima ralé da poliranagem.

Essa carta, redigida em termos baixos e monoscabantes, de mostra bem o rancorismo e o cinismo do autor de tão lindo gosto...

Serviu-se da sombra, arma dos cobardes, para anavalhar a honra, obrío e o pondonor duma gentil menina extremamente seria e educada.

Imbecil, que nem ao menos se lembra que vamos atravessando o seculo XX, periodo da cultura moral e intelectual.

Guialtoag.

Rectificação

A parte final da local inserta na primeira pagina, intitulada «O sr. Serra» saiu muito estropeada e por isso aqui a rectificamos: O sr. Serra parece servir-se d'a quella frase atribuida a S. Tomaz: Faze o que ele diz e não faças o que ele faz».

Saiu pois um periodo a mais que é o final e que não sabemos d'onde veio.

CORREIO DA "UNIÃO,"

Enviaram-nos a importancia das suas assinaturas, o que muito agradecemos, os nossos presados assinantes, srs.:

José Henriques da Silveira, Porto, por um ano, até ao n.º 312.

Manoel Angelo, Cachopo, por um ano, até ao n.º 328.

José Soares, Lisboa, por um ano, até ao n.º 312.

João Fernandes David, por um ano, até ao n.º 377.

Francisco Coelho, Principe, por um ano, até ao n.º 313.

João Antonio Cardo, por um ano, até ao n.º 321.

Domingos Antonio David, Lameira, por dois anos, até ao n.º 312.

Manoel João Nunes, Graça, por um ano, até ao n.º 312.

Manoel dos Santos Coelho, Principe, por um ano, até ao n.º 320.

NOTA. — Prevenimos os nossos presados assinantes de que, de ora avante, devido á carestia do papel, as assinaturas que tiverem de ser cobradas pelo correio, serão acrescidas das despesas ou sejam 10 centavos por cada uma; por isso todos tem conveniencia em fazer-nos a remessa que lhes fica mais barato.

S. R. EDITAL

João Salema, Bacharel formado em Filosofia pela Universidade de Coimbra e Governador Civil do Distrito de Leiria

Faz saber que a Comissão Delegada de Abastecimento, depois de haver tomado conhecimento das propostas feitas pelos Governadores Civis relativas ao preço do milho, resolveu, homologar a respectiva tabela que fixa para todos os distritos do paiz aquele preço em \$95 centavos cada 15 quilos ou 20 litros.

Nos lugares não produtores o referido preço será acrescido das despesas de transporte e de lucro parr o intermedio, quando houver, não podendo este lucro ser superior a cinco por cento.

O decreto n.º 2:253 estabelece as seguintes penalidades, que se publicam, para os devidos efeitos:

CAPITULO VIII

DISPOSIÇÕES PENAES

Art. 46.º Aquele que vender em seu deposito ou estabelecimento, nos mercados publicos ou aos domicilios, directamente ou por interposta pessoa, materias primas ou mercadorias de primeira necessidade, por preços superiores ao da tabela oficial, incorrerá na multa correspondente ao décuplo do lucro ilegitimo, mas não inferior a 2\$.

Art. 47.º Na multa de 5\$ incorrerá aquele que tenha á venda materias primas ou mercadorias de primeira necessidade, quando a tabela dos preços não esteja exposta nos termos do § 2.º do art. 12.º, incorrendo na multa de 1\$ os vendedores ambulantes que não tragam a referida tabela ou se recusem a mostra-la.

§ 2.º do art. 12.º. Nos mercados, depositos ou estabelecimentos em que se vendam generos de primeira necessidade, deve a tabela oficial de preços em vigor estar sempre exposta de maneira que os interessados a leiam facilmente).

Art. 48.º Em qualquer dos casos dos artigos anteriores, a reincidencia será punida tambem com a pena de prisão correccional de tres a trinta dias.

Art. 49.º As multas serão pagas no acto da verificação da transgressão, contra recibo passado pela autoridade encarregada da fiscalisação ou seu agente; e, sempre que houver lugar a pena correccional ou o multado se recuse ao pagamento voluntario da multa, será levado o respectivo auto e enviado ao agente do Ministerio Publico para os efeitos legais, observando-se, na parte applicavel, o disposto no decreto n.º 1:913, de 25 de setembro de 1915.

Art. 50.º Os produtores, intermediarios ou comerciantes que, depois de verificada a existencia do excedente a que se referem os artigos 18.º e seguintes, se recusem a vende-lo pelo preço da tabela em vigor, incorrerão na pena de um a seis mezes de prisão correccional e multa correspondente, sem prejuizo do disposto no art. 22.º

(O art. 22.º determina a apreensão dos generos ou mercadorias).

Art. 53.º Aquele que inutilizar materias primas ou mercadorias de primeira necessidade ou agravar os preços do mercado com o proposito exclusivo de causar a excassez, será punido com a pena de prisão correccional não inferior a dois mezes e multa correspondente.

Art. 54.º Aquele que, exercendo qualquer industria, cessar a sua laboração com o exclusivo proposito de determinar a excassez ou encarecimento dos produtos de primeira necessidade, será punido com a prisão correccional de um mez a um ano e multa correspondente.

Art. 46.º Qualquer outra transgressão de disposições do presente decreto será punida com a pena de multa de 5\$ a 500\$, se outra mais grave não couber pelo Codigo Penal ou outros diplomas em vigor.

Este edital entra imediatamente em vigor. Para conhecimento do publico, e cumprimento da lei, se publicou o presente e identicos, que vão ser devidamente afixados.

Governo Civil de Leiria, em 17 de fevereiro de 1917.

O Governador Civil,

(a) João Salema

EDITAL

O cidadão José Miguel Fernandes David, administrador do concelho de Figueiró dos Vinhos.

Convida todos os reservistas do exercito e armada e praças licenceadas, domiciliados neste concelho, para que-remendo-se alistarem na Companhia da Guarda Republicana Nacional, que se está a organizar para o estabelecimento de postos de policia rural e local nos concelhos de Leiria, Alvaizere, Ancião, Batalha, Pombal, Porto de Moz, Figueiró dos Vinhos, Pedrogam, Castanheira de Pera, Alcobaca Caldas da Rainha, Obidos, Nazaré, Peniche e Bombarral.

Os reservistas e praças licenceadas que aceitarem este convite, devem apresentar nesta administração, as suas cadernetas militares e, na falta destas, declarações dos

regimentos a que pertencem São condições para o alistamento as seguintes:

Ter altura minima 1,60 (infantaria) saber ler e escrever regularmente, ter mais de 20 anos de idade, e menos de 30, debito á Fazenda Nacional inferior a 25\$00, bom comportamento e ter a necessaria robustez.

As praças são alistadas na 2.ª classe como soldados, e tem os seguintes vencimentos:

Pret \$30, subsidio para alimentação (atualmente) \$12; fardamento (infantaria) \$70. Depois dum ano de serviço com bom comportamento passam á 1.ª classe e vencem mais \$06, tendo o desconto de \$08.

Para constar se passou o presente e outros d'igual teor que vão ser afixados nos lugares do costume.

Figueiró dos Vinhos, 21 de fevereiro de 1917.

José Miguel Fernandes David

Acurcio Lopes das Lérias!
Estudante em Lusã Atenas,
E' fiagelo das pequenas
Quando á terravam a ferias'


Casa dos Capotes Alemtejanos

EM EVOIRA

Com dezenas de pilherias,
Frases chistosas, amenas,
Vae namorando ás centenas
Raparigas muito serias.

Perguntou-lhe o Amadeu:
—Como pudeste arranjar
Tantos namoros este ano!!

O Acurcio respondeu:
—Apenas passei a usar
«Um capote alemtejano...»
Nada faz



E' nesta casa que se fabrica
o verdadeiro e acreditado capote
alemtejano tendo esta casa
grande sortimento em bons
bureis e mesclas fornecidos
pelos melhores fabricantes.
Pedirem amostras a
Antonio S. Paquete, Sobrinho
36, Rua João de Deus, 44. EVOIRA

risco de guerras, postaes, marittimos e agricolas.

—O largo desenvolvimento alcança do pela Companhia de Seguros «A COMPENSADORA», nos poucos mezes da sua existencia e os larguissimos creditos que em todo o paiz goza, são a consequencia logica da seriedade que ella põe em todos os seus negocios e da correccão como ella honra os seus compromissos.

O agente geral desta companhia em todos os concelhos circundantes, é o sr. **Julio Martins**, de Pedrogam Grande.

DIVORCIOS

E

TODOS OS ASSUNTOS JURIDICOS

A. MINEIRO

Escritorio Rua da Prata, 93, 2.

Telefone 3646 (central)

Residencia R. Francisco Foreiro F. J. 1.º

Telefone 209 (norte)

LISBOA

NOTEM

TODOS

Que o melhor adubo, o mais apropriado para todas as nossas culturas, o mais barato, o mais eficaz na cultura de MILHO e da BATATA e o unico que contem potassa, é o CATALATICO SIMPLES, ORGANICO E FOSFATADO, que vende por conta da fabrica, por atacado, em todos os concelhos circundantes.

Julio Martins

Pedrogam Grande

Camas de ferro

Ha grande variedade de camas de ferro, lavatorios, colchões e enchergões, pelos preços da fabrica.

E no estabelecimento de José Miguel Fernandes David.

BARBEARIA ARTE NOVA

Em frente do hotel Commercial Figueiró dos Vinhos

Carlos Jorge, participa aos seus amigos e freguezes que abriu uma barbearia em frente do Hotel Commercial, onde espera receber a visita do publico, que será servido com a maxima prontidão e asseio.

Esta casa, que é sem du-

vida a mais bem montada no seu genero, hade ser a preferida por todos, atendendo ás suas condições higienicas e local onde se encontra instalada a barbearia «Arte Nova».

Companhia de Seguros

«A Compensadora»

Sociedade anonima de responsabilidade limitada

CAPITAL 500 CONTOS

Deposito de garantia na Caixa Geral dos Depositos, 25 contos

Sede social:—Ruã do Comercio

LISBOA

Ejeta seguros contra fogo,

NOVO AER-MOTOR

Mais solido, mais perfeito e mais barato

Este novo systema de extrair agua dos poços garante a sua pureza para o consumo



Trabalhando com pouco vento, é, contudo, o melhor processo de moinhos de irrigação.

Inventor e constructor—Jironymo Rodrigues Pinhão

Figueiró dos Vinhos

do sólo, onde as mais belas flores germinavam expontamente. Como este sol aquece e ilumina!

Logo de manhãzinha, vem pelas janelas do meu quarto despertar-me para a minha primeira oração! Os seus raios de ouro sorriem para nós, como anjos do ceu!

A' noite, vejo na concha azul do infinito o manto da imensidade recamado de estrelas brilhantes, tremeluzindo os seus fócios prateados, de magica beleza! E para mais extasiar a nossa mente na contemplação da obra divina, reveladora, em cada átomo da sua grandeza da mão do Onipotente, vem, de noute e de dia, a cada hora, a cada instante, envolver-nos em suas carinhosas blandicias a brisa ligeira, cheia de suavidade, impregnada das emanações balsamicas do campo, ou antes, deste jardim do Olimpo!

E a contrastar com estas belezas mudas, que olho a cada canto dispostas ao acaso pela Mão do Poderoso, eu vejo com prazer que os seres humanos possuem a compleição espiritual que tanto se harmonisa com os preceitos divinos. Este povo é bom e é essencialmente religioso, minha doce e veneranda amiga. Como eu quizera que visseis vós propria a vida desta aldeia: pura como a graça de Deus, inocente como a pureza das vestaes! No domingo, á missa, orando á Virgem, vae em piedosa e sincera romagem toda a gente d'estes logares inspirar-se nas chagas do Altissimo. Depois, pela semana adiante, dão graças ao Senhor pelo pão de cada dia e assim vivem e assim passam a vida os homens e as mulheres, os velhos e as creanças. Nesta aldeia, todas as moças que conheço dariam excelentes servas de Deus, educadas como estão nos principios das leis cristãs... Uma tenho eu visto que quero levar-vos na minha primeira visita. E' minha afilhada. É que lindo nome que lhe puz: *Luiza!* o vosso, aquele que sempre tenho na lembrança! Vereis como ella é uma santa, com as suas maneirinhas delicadas, por natureza meiga, com uma voz dulcissima de angelicos encantos!

Tem agora onze anos, mas já se revelat oda a magnanimidade da sua alma, coração bondoso, rosto inclinado á virtude. Heide leva-la e direis então se me enganaram os

seus olhos virginaes, encrustados nas pequeninas faces de um palor celestial.

Heide leva-la, minha boa e veneranda amiga, e fareis d'ela mais uma estrela fulgente da nossa santa religião. Falava assim a baroneza de Catraia á sua antiga directora espiritual, tão cheia de recordações de amizade e de obediencia religiosa. Nas ultimas cartas que lhe escrevia, raras vezes lhe não falava de Luiza, a sua afilhada, o genio bom, o anjo esperançoso, a filha do mineiro.

O barão não intervinha nos sentimentos religiosos da esposa, mas, quando esta uma vez lhe comunicara os seus projectos de internar no seu convento, a sua afilhada Luiza, reprovou energicamente tal pensamento e quasi se zangou com ella.

—Ora deixa lá a pobresita na sua humildade, a sorrir aos olhos dos paes que a estremezem, dizia o barão. Bem sabes que elles não vêem outra cousa e que se lhes levars a filha morrem de paixão!

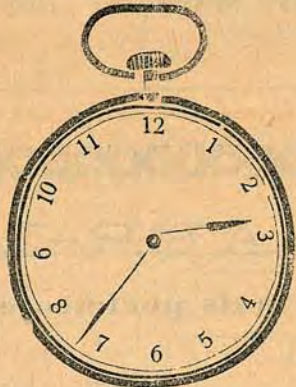
—E' minha afilhada, quero fazer d'ella uma santa! retorquiu a baroneza. Os paes não sabem o que querem... Aquele anjinho fez-se para servir a Deus e não para a vida banal de um trabalho rustico, a que o seu organismo fisico não poderia resistir.

O barão ia á observar-lhe que a esposa não tinha o direito de assim pensar acerca das filhas alheias, mas ella interrompia-o logo, acrescentando:

—Eu é que mando! Eu é que mando! Hade ser freira! E que linda freirinha que ella hade ser!

RELOJOARIA E OURIVESARIA

DE
Mancel Lourenço Gomes dos Santos
FIGUEIRÓ DOS VINHOS



Participa ao publico que acaba de chegar a esta antiga e acreditada casa um grande sortido de relojoaria e ourivesaria de todas as qualidades e para todos os preços.

Relogios historicos; ditos com corda para quatrocentos dias e outros com lindas peças de musica.

Estes relogios são da maxima confiança, afiançados por 3 ou 4 anos e não trocam as horas.

Concertos em todos os relogios a preços convidativos, sendo estes garantidos.

Nesta acreditada casa tambem o publico encontra uma enorme variedade de gramofones e um colossal sortimento de discos com as mais lindas e variadas peças de musica, muito proprias da atualidade.

Vende maquinas de costura, por preços barattimos e convenientes, alem disso tem tambem maquinas novas de pé e mão aos seguintes preços e a pronto pagamento: de mão a dezoito escudos, 18\$000; de pé desde vinte a trinta e um escudos, 20\$000, 31\$000; sendo estas afiançadas por 5 anos.

Compra prata e ouro velho, por bom preço

BARATEIRO DO POVO

E' o estabelecimento que mais barato vende e que maior sortido tem

Fazendas de lã, algodão e seda. Miudezas, mercearia e brinquedos.

Sola, cabedacs e todos os artigos para sapateiro, por preço mais baixo do que em qualquer parte

Camas de ferro, colchões, enxergões e lavatorios

Correspondente das Companhias de Seguros "A Lisbouense e Indemnizadora,"

Provem o delicioso café que acaba de chegar ao BARATEIRO DO POVO em latinhas de 6, 8, 12 e 16 centavos. Tambem ha avulso, uma especialidade d'esta casa que não recia competencias.

TIPOGRAFIA "UNIAO FIGUEIROENSE",
Execução perfeita de todos os trabalhos tipograficos

O proprietario

JOSÉ MIGUEL FERNANDES DAVID

FIGUEIRO DOS VINHOS

No dia immediato, era já sol nado, o mineiro ainda dormia. Passára a noute mal. Na vespera, molhára-se da Catraia até a casa, quando regressava da conferencia que tivera com a baroneza ácerca da filha. Como vimos, só chegára a casa depois das dez horas e nem sequer tirára do corpo a roupa que trazia. O encomodo moral que absorvia todo o seu espirito não lhe deixára lembrar tal precaução.

A mulher, igualmente penalizada, não lhe dispensára os cuidados necessarios e que já de outras vezes tivera. O mineiro tinha febre e a bronquite agravára-se-lhe muito. Uma tosse funda, cavernosa, provocava com dificuldade uma espectoração esverdeada. De vez em quando, tinha um acesso de tosse, mas voltava-se para o outro lado, depois que lhe tinha abrandado. Assim ia conciliando o sono com a impertinencia dos bronquios. Dormitava.

A mulher tambem adormecera por volta da modorra da madrugada e tinha sono. Não era do seu costume chamar o marido de manhã, pois ele dispensava-a d'esse encargo com o cuidado que tinha de se erguer antes dos primeiros alvares da manhã. Ainda de noute, o mineiro jancava um palito á candeia que lhe ficava suspensa na parede por cima do catre, vestia-se e saía de casa para o trabalho, muitas vezes sem ela dar por isso.

A baroneza de Catraia era uma fidalga viuva, de origem ingleza, de largos haveres, que viera a Portugal por ter casado em Liverpool com um funcionario da legação portugueza. O barão desposára-a para enriquecer e, apoz alguns anos do seu casamento, viera, saturado da vida das cidades, repousar com a esposa no seu torrão natal da Beira Alta. Reconstruira a sua antiga casa e fizera da humilde habitação, onde vira pela primeira vez a luz do dia, um palacete luxuoso com todos os confortos da higiene e comodidade modernas. A baroneza, creatura temente a Deus, pois fôra educada num estabelecimento religioso dos arredores de Londres, sentia-se bem ali e a promessa, tantas vezes repetida, do marido, de que brevemente iriam a Inglaterra, fazia-lhe bem. Havia doze anos que estava em Portugal e a sua unica saudade era do convento onde fora educada. Tinha pela madre abadeça uma estima tão grande que todos os dias supplicava ao ceu que lhe aumentasse o já longo numero de anos. Rara era a semana que lhe não escrevia umas cartas muito extensas, em que lhe dava conta da sua vida campestre. A religiosa respondia-lhe sempre e invocava a sua velha amisade, para que nunca esquecesse aquela santa casa, onde recebera a luz do Evangelho e deixara tão vivas recordações. E a baroneza nunca cançava de repetir á sua antiga educadora as maravilhas deste ceu, de um azul purissimo, e da fecundidade